

O RIMBAUD DE MARCOS SILVA

(Silva, Marcos. *Rimbaud etc, história e poesia*. São Paulo: Hucitec, 2011)

Lincoln Secco

(Depto. de História da FFLCH/USP)

Épater la bourgeoisie é mais fácil do que derrubá-la, dizia Eric Hobsbawm. Mas nem por isso, deixamos de incomodá-la com palavras, versos e outras armas. Em seu novo livro *Rimbaud etc, história e poesia*, Marcos Silva, professor titular de Metodologia de História na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, lança-se no desafio de integrar o seu Rimbaud no rol da recepção de suas poesias no Brasil.

Sua linha de interpretação não desdenha a materialidade estética do verso, a sonoridade, o ritmo, a postura e a linguagem: enfim, a modernidade desvendada na própria escrita radical de Rimbaud e Verlaine. No entanto, na contramão dos meramente “formalistas” e dos conteudistas que faziam a crítica biográfica oitocentista, Marcos Silva não isola os poetas do seu contexto histórico e linguístico.

Rimbaud, para ele, demonstra o poder das artes perante outros poderes, mas nem por isso isola-se. Aliás, só é possível isolar-se em sociedade. Por isso, as linhas da história estão lá, numa poesia iconoclasta que derrota o burguês na própria imaginação verbal, num momento em que a classe operária parisiense foi derrotada militarmente na Comuna de Paris.

Dessa maneira, o livro tece os fios quase invisíveis das referências históricas que animam autores tão diferentes e desconhecidos entre si, como Marx, Nietzsche, Rimbaud e Freud. No primeiro ensaio de seu livro, Marcos Silva descobre os liames com a História na tradução que ele enfrenta da obra “O Barco Bêbado”, mais visíveis em outros poemas que ele traduz ao longo do livro.

O poeta, como anunciava Aristóteles, tornava “visível o campo dos possíveis”. Tornava-se ele mesmo a antena da raça, como diria Pound. Marcos Silva nota bem que em “O Barco Bêbado” Rimbaud conjumina altas referências da literatura ocidental (o Ulisses da Odisséia e a narrativa bíblica de Noé) com referenciais menos prestigiados, tais quais almanaques e a literatura de aventuras do oitocentismo. Eu acrescentaria

também um poderoso eco apocalíptico que transparece na tradução feita pelo autor. A expressão recorrente “Eu vi”. Que talvez reforce a identificação estética com o massacre da Revolução e a chegada de uma insuportável República Burguesa em que a orgia dos covardes marginaliza hipocritamente a vida alternativa dos vencidos.

Se Rimbaud e Verlaine instauram a “beleza no ato da escrita”, como nos diz o autor, é possível encontrar num soneto escatológico ou rudemente realista maior prazer estético do que no livro “L’Idole”, de Albert Mérat. O “Soneto do Olho do Cu” de Verlaine e Rimbaud (veja-se em seguida a tradução de Marcos Silva) parodiava os sonetos dos olhos, da boca, dos dentes, da testa, dos cabelos, do nariz, da orelha, dos seios, dos braços, das mãos, do ventre, da perna, do pé, da nuca e das espáduas que Mérat escreveu para uma mulher símbolo.

Soneto do olho do cu

Arthur Rimbaud e Paul Verlaine

Tradução de Marcos Silva

Obscuro e pagueado cravo violeta
Respira, humildemente no meio da espuma
Inda úmida de amor que em doce encosta ruma
Da brancura da bunda à beirada da meta.

Filamentos tais como lágrimas de leite
Choraram, sob o vento cruel que os repele,
Através de coágulos de barro em pele,
P’ra se perder depois onde a encosta os deite.

Mi’a boca se ajustou muita vez à ventosa
Minh’alma, do coito material invejosa,
Fez ali lacrimal e de soluços ninho.

Azeitona em desmaio e taça carinhosa
O tubo onde desce celeste noz gostosa
Canaã feminino em suor muradinho!

A tradução usa contrações, mas seduz exatamente pela sonoridade. As traduções de “*sa ventouse*” (por simplesmente “ventosa”) e a de *jalouse* (por invejosa e não enciumada) seguem exigências rítmicas e rítmicas. Ora, a ventosa é mais que uma abertura (tradução possível). É um órgão que se aferra ao corpo para sorvê-lo.

É que numa era de dessacralização dos ídolos, a poesia pode alcançar outras zonas do corpo: púbis, nádegas, vagina, ânus. Tais regiões do prazer erótico são interditadas pelos silêncios de Mérat. Doravante, sua mulher “feita de papel e palavras”, deverá conter sabores, odores e ser apalpada e sorvida. No entanto, Marcos não condena Mérat e não exige dele que seja Rimbaud. Mérat vai além daquela materialidade onde o corpo não se esgota, por isso seus versos têm momentos de delicadeza e merecem ser lidos. Mas o poeta encontra certa dificuldade para se saciar na própria matéria e sua poesia se nos apresenta convencional. A mulher de Mérat é silenciosa, passiva, marmórea.

No entanto, o que fazer no mundo em que se tentou canonizar o próprio Rimbaud? No pós Segunda Guerra escritores malditos se fizeram benditos. Sade, que já vinha sendo publicado, foi adquirindo ares editoriais de clássico. Foucault e seus alunos recuperavam as vozes dos “loucos” e outros esquecidos como certo Pierre Rivière. Em maio de 68 os jovens uniram audácia comportamental, roupas revolucionárias, performances radicais e ergueram poetas agora clássicos ao lado do livro vermelho de Mao tsetung.

A burguesia deixou-se escandalizar, preocupada demais com os seus lucros infinitos. Mas não caiu e buscou maneiras de lucrar fosse com Sade ou Rimbaud. A solução ainda não foi encontrada pelo autor e por ninguém.